



Luma Andrade  
Professora

// Luma Nogueira de Andrade

# O retrato da diversidade se desenha e tem como cenário o convívio com as diversas possibilidades de ser

As formas são sinuosas, o porte é grande, vistoso. No primeiro contato, todos os detalhes são observados, desde o cabelo longo, abrilhantado por madeixas loiras, o cuidado aparente com as unhas bem polidas, os gestos suaves e até a leve marca de borrado que a máscara para cílios deixou na parte inferior aos olhos, revelando o traço de vaidade que se deixou consumir pela pressa. Pressa em atender a tantos compromissos de uma personalidade multifacetada que se desdobra em tantas histórias, ao mesmo tempo em que é, unificada, uma lição de vida.

Em seu portar-se, a delicadeza toma parte, como que metamorfoseando um longo percurso de humilhações, sofrimentos, incertezas e abandonos, na mais singela expressão da amabilidade feminina. A voz, sempre comedida, abafou todas as vezes em que Luma teria a necessidade de bradar pelos próprios direitos: pela liberdade em ser Luma Nogueira de Andrade, simplesmente. Teria a necessidade de gritar. Não teve. Porque no sertão de Morada Nova, no interior do Ceará, Maria Nogueira Gomes, a mãe, transmitiu, sem necessidade de nenhuma palavra escrita, para quem ainda assinava o nome de João Filho, a força serena sertaneja e o poder do assujeitamento, sustentados pelo respeito ao próximo, como forma de ganhar espaço, credibilidade e confiança. Acima de ter sido ensinado, o respeito foi vivenciado na mais trivial relação com a mãe, que “não aceitava, mas respeitava”, como repete Luma, guardando a lembrança de alguém que se foi cedo demais, e deixou inspiração para uma vida toda.

Tempos depois, vieram os teóricos e deram valor científico a esse “assujeitar-se”, pois só assim a sociedade reconheceria respeitosa e travesti que fez a voz ecoar por meio mundo, sem sequer elevar o tom. Porque conheceu o que era diferente, reconheceu-se assim, aprendeu a ser diferente, buscando, acima de tudo, a igualdade. Mais que isso, educou-se para educar, e não apenas no sentido pleno da docência. O refúgio infantil, e depois adolescente, na im-

personalidade das ciências ditas exatas, fez nascer em Luma a mais alta capacidade intelectual de converter e amaciar as durezas da profunda e complicada essência humana. Essência dela e dos outros.

O assujeitar-se, tão presente no discurso dela, agora muda de lugar. Antes ela, Luma, que recebeu e soube guardar silenciosamente todas as pedras que um caminho pode possuir, e com elas erguer uma fortaleza – que estremece ligeiramente ao trazer à tona algumas agruras do passado. Agora nós, ouvintes, leitores, conhecedores desse universo tão colorido e, ao mesmo tempo, dolorido das diversas possibilidades que a sexualidade pode assumir. Sim, assujeitemo-nos, pois, às histórias de Luma. Baixemos a cabeça e deixemo-nos ser levados por ela e por tantas outras Lumas femininas e masculinizadas, para que possamos conhecer suas realidades e perceber com elas as maravilhas que a convivência com o diferente pode trazer.

Sobre entrar na história. “Eu nunca tive essa pretensão”, diz ela. Nem precisa. Entrar na história é para ações que virão a se realizar. Luma já (se) realizou, portanto, já é história. E, sendo história, prossegue exercendo esse papel à frente de seu tempo, não pelas ideias que carrega, mas pela forma como as transmite: prezando pelo diálogo civilizado, tendo como base o princípio de se agregar, abolindo, de vez, o confrontar. E sem incorporar a vítima, assumindo mais uma vez a garra sertaneja aliada à sua “singularidade feminina”.

## Ficha Técnica

**Equipe de Produção:**  
Aline Conde  
Vandecy Dourado

**Texto de abertura:**  
Jéssica Colaço

**Participação:**  
Alan Barros  
Aline Conde  
Fernando Wisse  
Gabriela Alencar  
Ingrid Braquehais  
Jéssica Colaço  
Jéssica Welma  
Juscelino Filho  
Vandecy Dourado  
Yohanna Pinheiro

**Fotografia:**  
Gustavo Sampaio



**Entrevista com Luma Nogueira de Andrade, dia 10 de maio de 2012.**

**Aline** – Luma, você se chamava João Filho Nogueira de Andrade e hoje você é Luma Nogueira de Andrade. Por que você adotou o Luma? De onde veio esse nome?

**Luma** – O nome veio porque eu achei tipicamente brasileiro. Minhas amigas geralmente gostavam de nomes estrangeiros. Elas sempre se inspiravam em musas, atrizes, cantoras internacionais... E alguns nomes, às vezes, eram difíceis até das pessoas falarem. No entanto, eu gostaria de uma coisa mais simples que realmente fosse típico nosso. Um nome simples, um nome rápido, um nome que pegasse mais de forma dinâmica. E eu conheci uma garotinha que tinha o nome de Luma e eu me encantei com ela, que morava no interior de minha cidade (*Luma nasceu em Morada Nova, no Ceará*). Eu achei a cara daquele interior. Aquela coisa bem singela, de algo bem típico de onde eu vim.

**Aline** – Quando você era criança, do que mais você gostava de brincar?

**Luma** – É... (*pensando*) Quando criança, eu gostava muito de estudar, sempre gostei muito. Sempre fui disciplinada nos estudos. Mas, quando eu estava na sociabilidade, na hora do intervalo da escola, eu sempre estava com as meninas. Eu me identificava com a forma de como brincavam, como conversavam. Eu achava mais tranquilo, eu achava melhor. E com os meninos, eu não tinha tanto contato. Aquele mundo não fazia parte do meu "eu", porque às vezes era muito violento, era muito desrespeitoso...

**Jéssica Welma** – Mas como eram as brincadeiras? De que você brincava?

**Luma** – Havia colegas que eram do sexo masculino, que gostavam mais de brincar de carrinhos, brincar de bola. No entanto, eu não gostava, eu não me identificava com aquilo. Mas chegou um ponto que eu passei a não querer mais brincar. Eu queria só estudar. Eu era muito recatada, porque eu vim de uma família muito humilde no interior do município de Morada Nova, mas com muita dignidade. Desde a infância, eu sempre respeitei as pessoas com quem eu convivi.

**Gabriela** – Você se sentia aceita, então, quando estava com as meninas?

**Luma** – Com certeza!

**Jéssica Colaço** – Luma, você disse que quando estava na escola, chegou a ser agre-

da pelos coleguinhas da sala. Você chegava em casa e contava? Como era o apoio da família em relação a essas questões?

**Luma** – Não contava, né? Por que eu não contava? Porque a minha situação poderia piorar. Eu tinha medo. Às vezes, eu não sabia o que era aquela violência. Mas eu sabia que era algo de errado. Se eu fosse contar para os meus pais, eles iam para a escola e iam saber que eu tinha feito algo de errado. Nem eu sabia o que era, mas era algo errado e poderia ser punida mais uma vez pelo que eu nem sabia.

**Jéssica Colaço** – Mas não tinha ninguém com quem você confidenciava essas incertezas quando era criança?

**Luma** – Não. (*pausa*). Eu acho que foi onde entrou o estudo e a educação. Eu passei a canalizar toda essa energia do erotismo, da sexualidade, toda para os estudos. Eu vivia quase como um ser assexuado.

**Alan** – Na sua infância, você já sofria preconceitos por parte desses meninos?

**Luma** – Com certeza. Desde a infância, eu já tinha essa singularidade. Não só nas brincadeiras, mas nas formas de se comunicar com o meio, com as pessoas de diversas formas. A comunicação corporal, a comunicação visual, toda uma dinâmica do corpo, as pessoas percebiam que era voltado para o feminino. E isso me colocava numa condição muito inquisitorial, porque, enquanto o meu comportamento, o meu posicionamento perante à sociedade era feminino, eu tinha uma genitália masculina. E como ocorre normalmente as pessoas veem o sexo biológico, a questão do determinismo biológico, como fator preponderante para dizer qual vai ser o papel delas na sociedade. A questão da heteronormatividade vai impor dois sexos. E esses dois sexos vão ter de desempenhar dois tipos de papéis. E aí é que entra no contexto da heteronormatividade. Eu sofri, até porque eu fazia essa travessia (*entre os dois sexos*). Na verdade, eu não me adequava ao meu órgão, a minha genitália. O meu comportamento não era adequado ao que as pessoas esperavam. A expectativa... De todo um contexto social que eu abri mão para entrar em outro contexto. Não que fosse uma coisa forçada. Era uma coisa natural, até porque eu era criança. Vamos dizer que fosse natural, mas eu era criança, eu me identificava com

Luma nasceu em 17 de agosto de 1977, em Morada Nova. Já morou também em Limoeiro do Norte e Aracati. Atualmente, mora em Russas com o companheiro José Wellington de Oliveira Machado.

Vandecy indicou Luma Andrade para a edição de aniversário. Ele havia entrevistado a convidada, em 2011, para a disciplina de Jornalismo Impresso I, ministrado pelo professor Agostinho Gósson, sobre as transformações físicas e psicológicas das travestis.

Na hora da votação, Luma foi uma das campeãs de votos. Dos dez alunos participantes da Revista, sete votaram nela. Ao lado de Luma, Victor Hannover também conquistou sete votos.

aquilo. Era daquilo que eu gostava. Como explicar isso? Como se fosse uma fruta. Você tem várias frutas, mas tem aquela que você gosta mais. Aquela que você quer. Então é para aquela que você vai correr atrás. A mesma coisa é a questão das minhas relações. O meu feminino é muito mais aflorado do que a questão da masculinidade, a questão da genitália mesmo.

**Ingrid** – Luma, em algum momento, você tentou se adaptar à identidade masculina por causa das críticas? E de que forma foi isso?

**Luma** – Na infância não, porque eu não tinha consciência de nada disso. Nós somos vítimas desse processo, você chega a esse mundo que já está tudo posto. Você tem de seguir o que foi colocado pela sociedade, a questão da hegemonia cultural. “Você é assim, então você tem de ser assim”. Pensamento machista, né? Você tem de seguir uma trilha, um caminho. É previsível, mas, quando eu sai dessa rota, desse caminho, aí realmente eu sofri represálias. Na infância, eu não tinha consciência. Teve um momento em que eu fui espancada por um aluno, na hora do intervalo. Quando eu retornei para a sala, uma colega chamou a professora e disse: “Olha, bateram no colega”. A professora se levantou de onde ela estava, veio até a minha pessoa, olhou para mim e disse: “Bem feito! Quem manda você ser assim” (*ênfase*). Isso foi na terceira série, eu não tinha consciência do que ela estava falando, mas eu sabia que eu tinha feito algo errado. Só com a maturidade, foi que eu percebi o que ela estava fazendo, porque as pessoas começaram a cobrar também uma postura masculina e realmente eu busquei todas... Quinze, 14 anos... Eu tinha avós evangélicos... E eu comecei a tentar, eu relutei contra tudo isso, porque é cruel. Você saber que vai ser excluído, porque você tem uma postura diferente na sociedade, e, às vezes, é algo que você não consegue controlar. É uma questão

“Na verdade, eu não me adequava ao meu órgão, a minha genitália. O meu comportamento não era adequado ao que as pessoas esperavam”

No discurso para a escolha de Luma, todos concordaram sobre a importância desta entrevista. A primeira travesti doutoranda, a primeira travesti entrevistada pelo projeto e, por ironia do destino, a primeira entrevistada da edição do 20º aniversário da revista.

dos sabores novamente. Por que você gosta mais de uma fruta e não gosta da outra? Então, o que vai dizer isso? É uma coisa bem complexa, mas eu consegui enfrentar. Porque é um processo! Você tem de reconhecer primeiro que a sociedade foi construída dessa forma. E revidar tudo isso com a mesma violência, não vai levar a nada, porque você não vai conseguir odiá-la. E há momentos na vida em que a gente tem de se sujeitar à ordem normativa. Você vai se sujeitar para poder criar resistências. E a minha história de vida vai toda demarcada dessa forma. Você se sujeitar, resistir... Em termos práticos, é você dá dois passos para frente e um para trás.

**Aline** – Luma, na época do colégio, você tinha medo de utilizar o banheiro? Ficava em dúvida?

**Luma** – No Ensino Fundamental, eu não sentia vontade de ir ao banheiro masculino. Água e óleo! Eu não conseguia interagir com os meninos, nem mesmo para utilizar o mesmo espaço, que era o banheiro. Algo me dizia que aquilo ali estava errado. Eu não era para está ali. É algo que você não encontra explicação, que eu não sentia à vontade e eu não ia. E como eu não podia usar o banheiro feminino – porque não podia, não se deixava – eu ficava contendo as minhas necessidades fisiológicas até chegar em casa e aí era uma tortura. Às vezes eu perdia a concentração, era doloroso, mas tinha de ser assim.

**Gabriela** – Agora, caracterizada como Luma, você já passou a usar o banheiro feminino sem problemas?

**Luma** – Demorou um tempo. Na faculdade, eu ia ao banheiro feminino. Depois da transformação, utilizava normalmente.

**Vandecy** – Como as pessoas reagem?

**Luma** – Na maioria das vezes, eu ia – também era esperta. Só ia na hora em que eu via que não tinha ninguém. Às vezes, quando chegava alguém, eu já estava saindo. Mas, na escola, quando eu lecionava, às vezes, eu também continuava sem ir ao banheiro. Até chegar um momento, quando eu passei a ser efetiva, aí eu utilizava o banheiro feminino.

**Jéssica Welma** – Luma, sua irmã Valdete contou para a produção durante uma entrevista, que às vezes ela ficava lhe esperando no colégio até terminar a sua aula porque você não queria ficar lá sozinha. De alguma forma, ela sabia a situação pela qual você passava na escola?

**Luma** – Ela (*irmã por parte de mãe*) poderia até perceber, né? Porque, na verdade, a família percebe que tem algo que não está conforme os padrões. Por exemplo: se espera de um menino que ele seja violento, que ele goste de brincar de carro, que ele goste

de brincar de bola... Se espera de um menino que ele se relacione com os outros meninos. Como a Valdete convivia comigo, minha mãe e meu pai, e percebia essa singularidade, então eu creio que sim: Ela sabia e ficava lá como uma forma de proteção. Eu era uma pessoa muito sensível, muito feminina. E eu ficava muito exposta à toda essa questão da violência dos meus colegas, principalmente por não se adequar aos padrões que eles esperavam.

**Vandecy** – Luma, você afirmou que não tinha abertura para falar sobre o sofrimento que passava no colégio. Diante disso, como era a relação com os seus pais e com a Valdete?

**Luma** – A relação era maravilhosa, porque ela era praticamente a minha segunda mãe. Ia me pegar no colégio, me levava... Eu não gostava de ir andando, ela me colocava nos braços... Como é que eu posso dizer para vocês? (*pensativa*) A família sabe, mas o que acontece? A família resiste. Ela vai o tempo todo querendo se enganar. Ela vai o tempo todo criar linhas de fugas para dizer assim: "Mas isso é só uma fase. Isso é porque gosta de estudar". Elas (*as pessoas da família*) mesmas vão criando suas próprias justificativas para isso. Justificativas para elas mesmas e para os outros, porque existe uma preocupação muito grande com o outro. Não é nem com o comportamento, é o que o outro possa fazer com o filho, sabendo que é uma pessoa que não está conforme os padrões da sociedade. Então, é esse o problema da família. Vai criar essas justificativas para se enganar e tentar enganar o outro.

**Jéssica Colaço** – Luma, no material sobre você, disponibilizado pela produção, a irmã Valdete disse que sua mãe não aceitava essa orientação sexual, no entanto, você afirmou que tinha uma boa relação com ela. O que você chama de relacionamento bom e como era essa questão da sua mãe não aceitar essa condição?

**Luma** – Ela não aceitava, mas respeitava. Porque você pode, de repente, não aceitar e não respeitar. Aí você entra no campo do conflito. Mas, quando você não aceita, mas respeita, você tem o cuidado nas palavras, você tem cuidado na forma de dizer as coisas. E ela, mesmo sendo uma pessoa analfabeta, era uma pessoa extremamente educada. E sabia dizer o que ela queria dizer de uma forma que não te agredia. Ela não aceitava, isso era explícito. Ela cobrava a questão de namorada, me interrogava quando achava peças femininas na casa e eu tinha uma grande parceira que era minha irmã. Ela tinha uma mente muito aberta, sempre teve, e ela ajudou muito, até conversando com a



minha mãe, dizendo que não era pra ter tanto problema, que eu era um filho. E que não ia deixar de ser essa condição por conta da minha singularidade.

**Vandecy** – Luma, em uma entrevista que você me deu em 2011, você falou que tinha uma relação um pouco mais aberta com sua mãe em comparação ao seu pai. Como era essa relação com o seu pai?

**Luma** – Era uma relação muito difícil. (*pausa*) O meu pai já tinha outra família. A família legítima, com quem ele era casado e tinha vários filhos e filhas. Minha mãe conheceu meu pai quando ela veio de Quixadá, com a minha irmã e outra irmã que chegou a falecer. Ela foi sem nada, se separou do marido... E meus avós não aceitaram que ela voltasse para casa, porque na época as mulheres que se separavam dos maridos eram vistas como uma coisa muito negativa. Isso era deplorável para a família. Os pais não a aceitavam de volta. Ela teve de se virar. Ela com duas meninas, deixou uma em Quixadá com a avó e levou as outras duas para Morada Nova, onde os meus avós moravam e foi atrás de ajuda... De uma casa para alugar, para poder trabalhar e recomeçar a sua vida. Foi nesse sentido que ela conheceu o meu pai.

O meu pai trabalhava com carne. Ele era marchante (*pessoa responsável pelo abate do gado no mercado ou açougue*). Ela soube que ele tinha uma casa e pediu para alugar. Ele, percebendo a beleza dela e vendo a questão da carência em si, se aproveitou disso. Ela alugou a casa e ele, vendo que ela não tinha mesmo condições, acabou tendo relacionamento com ele. Desse relacionamento, eu surgiu. Na verdade, ele vivia mais com a primeira família dele e com a minha mãe era um relacionamento paralelo. Ele tinha a família, com quem ele era casado, a mulher legítima, e a minha mãe, que era a amante dele. Então, ela sofria muito com essa condição, porque ela sempre pegava as migalhas. Sempre quando ela ia pedir dinheiro para o almoço ou para qualquer coisa, ele jogava no chão e fazia assim... (*gesto de jogar algo no chão*) Absolutamente humilhante, Desde

Assim que definimos os cinco nomes da revista, a equipe de produção não perdeu tempo e ligou imediatamente para fazer o convite. Na primeira tentativa, Luma aceitou e esperou por um e-mail com uma breve explicação do projeto.

Quando mandamos o e-mail com informações da Revista Entrevista, Luma publicou uma postagem em seu blog com o título: Luma Andrade é escolhida como uma das cinco personalidades do Ceará.

Apesar da rápida aceitação de Luma, a produção teve muita dificuldade em contatá-la nos dias que se passaram. Uma semana antes da entrega da pauta, não conseguimos falar com ela. O celular da convidada estava sempre na caixa postal.



criança, eu convivi com isso e me magoou muito. Ele me deixou muitas mágoas, que são difíceis, são duras de cicatrizar, mas a gente percebe que é um ser humano que comete erros como qualquer outro. A gente tem de entender, porque ele tem todo um aparato para se justificar, mas eu também tenho o direito de perceber que tem alguma coisa errada, que ocorreu alguma coisa de errado. Como eu não posso julgá-lo, então, a gente entrega que Deus tome de conta e que um dia esse sentimento possa ser realmente anulado. Mas, quando eu me lembro da minha mãe, eu me recordo desses momentos e é muito difícil.

**Alan** – Luma, ele ainda está vivo?

**Luma** – Ele (*João Pedro de Andrade*) está vivo, está morando na casa de uma filha dele com a esposa legítima. Nós já tivemos momento de conversar. A gente conversou rapidamente – eu transformada. Ele falou comigo e também algumas pessoas que foram falar de mim para ele, ele pegou e interveio a meu favor, que eu também fiquei surpresa e significa que houve uma abertura, mas ainda não sinto preparada para ir visitá-lo.

**Alan** – Ele já te pediu desculpas?

**Luma** – Não, eu acho que ele nem tem noção do que fez, porque, na vida da gente, a rotina faz com que as coisas fiquem naturalizadas. Com essa naturalização, a gente acaba ficando muito cego. Não percebe o que a gente faz no cotidiano. Tem de ter um olhar de pesquisador mesmo, de pesquisar sua própria convivência e vivência com as pessoas para saber onde é que você está acertando e onde você está errando. Ele é de uma época em que os homens eram muito truculentos e já está tendo essa abertura, mas ainda existe muitos resquícios disso.

**Vandecy** – Luma, ele conhece a sua história de vida depois que você saiu de casa?

**Luma** – Eu acredito que sim. As pessoas acabam falando, teve uma repercussão nacional no Fantástico (*Luma concedeu uma entrevista ao ator Lázaro Ramos, em 2010*). Eu acredito que ele saiba, sim, dessa história e eu acredito, sim, que ele tenha interesse de me ver. Nesse período em que estava re-

almente me dedicando à tese (*de doutorado em Educação*), eu me afastei totalmente, às vezes, da minha vida pessoal. Você acaba entrando em um mundo que é o mundo dos teóricos. Isso pode ajudar muito a você ter um olhar melhor sobre o seu empírico. Mas pode distanciar do mundo todo. Da realidade que as pessoas vivem, porque, às vezes, a teoria ela é muito... Ela está muito distante de dar conta de tudo isso. Porque tudo é muito complexo. E, às vezes, você estuda e seu conhecimento fica muito no campo cartesiano, muito separado. Não é visto como algo complexo em seu contexto como um todo.

**Jéssica Welma** – Luma, sua irmã relatou também à produção sobre o momento em que seu pai falou que a “casa estava pequena” para vocês dois. Em que situação da sua vida, você se encontrava naquele momento?

**Luma** – Minha mãe já tinha falecido. Ela morreu de câncer do colo uterino. Nunca fez exame ginecológico, porque as pessoas daquela época não tinham a cultura, isso é muito novo para a mulher se cuidar. Quando ela teve o primeiro sangramento, foi hemorrágico. Eu a trouxe para Fortaleza e já descobri que ela estava no último estágio de câncer. Teve todo um trabalho para realizar esse tratamento e foi muito difícil. (*Luma interrompe a entrevista*)

Acho que eu não respondi a sua pergunta. Eu acabei entrando em outro contexto. Quando envolve as emoções, você acaba até perdendo o raciocínio, porque você vai mergulhar naquele universo que você já viveu. Então, eu peço até desculpas se por ventura eu entrar nesse campo do regresso e de repente eu ficar por lá e me esquecer. Mas bem isso acontece....

Pois bem. Eu estava num contexto em que minha mãe tinha falecido. Eu já estava na faculdade, atuando como professora e já fazia um tempo que eu estava juntando dinheiro. Foi quando eu tive um dos meus primeiros relacionamentos sérios. Então, ele (*o pai*) disse para a minha irmã que eu procurasse outro canto, porque não estava legal aquele rapaz ficando comigo lá em casa. Nos finais de semana, a gente ficava junto. Ele (*o*

Ligações sem sucessos, e-mails e mensagens pelo Facebook não respondidas. Bateu o desespero! A produção pensou inclusive em viajar para Russas para podermos fazer as pré-entrevistas. Foi quando Luma nos atendeu e disse que iria viajar.

*pai*) viajava para a fazenda de uma filha dele e eu ficava só em casa. Minha irmã já tinha saído de casa. Nos finais de semana, para não ficar só, eu chamava esse meu parceiro e a gente ficava em casa. Só que a vizinhança acabava falando, né? Ele ficava sabendo e nunca chegava para a minha pessoa e falava. Nunca tivemos de tratar o que a gente achava que era certo e o que era errado diretamente, sempre tinha uma pessoa para fazer essas intervenções. Quem fazia essas intervenções, ou era minha mãe ou era minha irmã. Então deixou um recadinho para a minha irmã. Eu, ao receber o recado eu já estava me preparando então eu disse: "Pois então é agora".

Eu peguei o dinheiro que eu tinha... Minha irmã ajudou muito, porque ela foi procurar uma casa para que eu pudesse comprar. Eu só tinha metade do dinheiro e ela pegou insistiu muito: "Vamos, vamos, compra, saia de lá!" Eu acabei comprando a casa. Paguei a metade e dividi em três parcelas, esperando pagar com esse dinheiro. Eu entrei na casa só com a rede. Só a casa, a rede e o meu parceiro. A gente ficou em casa desse jeito. Passando dificuldades e superando com o passar do tempo. Eu paguei a primeira parcela da casa, a segunda, quando chegou na terceira eu não tinha dinheiro. A antiga dona queria receber o dinheiro. E eu pedi a minha irmã para pedir emprestado a ele (*o pai*). Ele disse assim: "Não vou emprestar dinheiro a ninguém, não". A ninguém... (*ênfase*) Aí pensou, né?! Você ouvir isso de uma pessoa... E eu sabia que ele tinha dinheiro e ia usar esse dinheiro para emprestar para outra pessoa. Mas minha irmã conseguiu esse dinheiro através de uma cunhada. Ela me emprestou e eu estava esperando receber um dinheiro do Estado, um dinheiro atrasado, e esse dinheiro saiu na semana seguinte. Eu paguei e ainda ficou reserva. Eu ainda comprei outras coisinhas para dentro de casa. Depois eu soube que o dinheiro que ele tinha emprestado para outra pessoa, ele nunca recebeu. São essas coisas que, às vezes, as pessoas fazem e acham que é simples. Não vou ser demagógica com vocês e dizer que está tudo bem, eu tenho um sentimento maravilhoso. Eu não tenho sentimento ruim com ele, mas eu também não tenho sentimento bom. Eu diria que é neutro. Para mim, não faz diferença.

**Juscelino** – Luma, se hoje, mesmo com esse sentimento mais neutro, se ele pedisse perdão? Você acha que haveria uma possibilidade de voltar e começar um relacionamento entre pai e filha?

**Luma** - Hoje é fácil pedir perdão a Luma e se arrepender de tudo que fez. Como foi fácil

para a minha professora que fez aquela situação (*Depois de Luma ser espancada no colégio, a professora disse: "Bem feito! Quem manda você ser assim?!"*). Ela dizer para outra pessoa, quando ela soube a minha história, ela dizer: "Ah, foi minha aluna". Com todo orgulho, né? Eu fico feliz por ela ter dito isso, mas talvez ela nem perceba o que ela me fez passar, porque, na verdade, são traumas que você carrega. Eu não esqueci. Se existe uma coisa da minha infância que eu nunca esqueci, foi esse momento (*ênfase*). Fica difícil esquecer essa situação. Eu sei que ele teria a pré-disposição de fazer isso, mas hoje é mais fácil. Eu queria saber se ele teria a mesma coragem se eu não fosse a pessoa que eu sou hoje. Se ele realmente tivesse essa sensibilidade e fizesse isso comigo, aí sim eu ia perceber que realmente esse era o perdão verdadeiro. Nessas condições, eu tenho minhas dúvidas. Eu prefiro tratá-lo de uma forma neutralizada.

**Vandecy** – Luma, você se lembra da última vez que falou com o seu pai?

**Luma** – A última vez que eu falei com ele? (*pensativa*) Eu tenho esse sentimento, mas talvez ele nem saiba. A gente se fala normal... Se eu pedir a bênção, ele dá. Eu só não sinto a necessidade de ir em busca dele, para mim é neutro. Eu vou me lembrar também da televisão. Nós tínhamos uma televisão pequena e no dia em que a esposa legítima dele morreu, ele teria tido a oportunidade de casar com a minha mãe, no entanto, ele não casou. Ele casou com outra pessoa do passado e nos abandonou. E uma televisão pequena que ele tinha nos deixado – eu nunca me esqueci (*ênfase*)! Ele pegou a televisão de volta e levou para a casa dela e eu fiquei sem televisão, que era a minha única diversão. Você pega uma criança que tem um objeto como brinquedo, eu era muito caseira e eu tive isso usurpado e para mim causou uma dor muito grande. Tanto que hoje eu tenho a maior te-

---

**"A família sabe,  
mas ela resiste.  
Ela vai o tempo  
todo querendo se  
enganar, criando  
linhas de fugas para  
dizer assim: 'Mas  
isso é só uma fase'"**

---

Na conversa ao celular, Luma sugeriu o nome de algumas pessoas próximas, como o marido Wellington e a irmã Valdete. Na segunda-feira, antes do feriado do Dia do Trabalho, ligamos para os dois contatos e fizemos as pré-entrevistas.

Luma também indicou o amigo e co-orientador da tese de doutorado, o professor Alexandre Fleming. Aline tentou contatá-lo por telefone. Sem sucesso. A produção entrou em contato com ele por mensagem do Facebook: estava viajando.

A irmã por parte de mãe, Valdete, é a única pessoa com quem Luma tem contato da família. Na pré-entrevista, Valdete fez questão de ressaltar que Luma é “uma mãe boa” para ela e seus filhos.

levisão que eu encontrei. *(risos de todos)* Eu acredito que já é também algo relacionado a esse momento, que eu também não consegui apagar do meu inconsciente.

**Jéssica Colaço** – Você afirmou que seria mais fácil para o seu pai pedir desculpas hoje por causa da sua história, por toda sua trajetória, por hoje você está fazendo doutorado. Você acha que a sua posição hoje mudou a forma como as pessoas a veem? Mesmo aquelas que a desrespeitaram no passado?

**Luma** – É difícil ter a certeza disso, por isso que a gente está em um campo muito subjetivo. Eu não sei te afirmar se é por causa disso ou se não é. Mas é mais fácil ser do que não ser, porque alguma dessas pessoas têm posturas arredias não mais comigo, mas com pessoas que são semelhantes a mim. Aí vem a dúvida. Porque, de repente, você pode tratar mal alguém a vida toda e, quando essa pessoa ganha na Mega-Sena, ela passa a ser para você a melhor pessoa do mundo. Então isso é muito complicado. A gente vive em uma sociedade que é bem capitalista e, às vezes, o valor das pessoas não é pelos sentimentos que elas têm e sim pelo que elas têm na conta, pelo que elas têm no bolso. E a gente entra num risco muito grande de, de repente, a gente confiar demais e depois a gente se decepcionar. Para a minha pessoa, se eu visse uma dessas pessoas tratando mal uma travesti – independentemente de qual fosse a travesti, que não tivesse estudo, ou estivesse nas ruas, independentemente –, eu ia me projetar naquela pessoa *(a travesti)* e eu sentiria a mesma dor que ela. Mesmo eu não sendo ela, aquilo ia me doer, porque eu já vivenciei isso na minha história de vida recentemente. A dor que as travestis sofreram, elas eram extensivas a minha pessoa.

**Fernando** - Você sempre estudou muito. Você se espelhava em alguém?

**Luma** – O estudo sempre foi uma fuga. E as fugas podem ser de diversas formas. Tem gente que procura a fuga para a sua realidade

“Hoje (...) eu posso ser eu mesma. Não preciso mais de máscaras. Sou transparente. Eu diria para você que eu não sou travesti. Eu já fui travesti.”

Conversando com Luma por telefone, Aline perguntou sobre o pai dela. Luma ficou em silêncio por um momento e disse que não tinha contato com ele há muito tempo. Aline sentiu que o pai não trazia boas lembranças à Luma.

nas drogas. E eu não diria que seria algo de inspiração, mas seria algo mesmo do campo da fuga. O que eu vou fazer, ao que eu vou me dedicar? E como eu tinha necessidade de ajudar minha família – principalmente minha mãe, minha irmã, pessoas que vinham de uma condição muito difícil –, eu tinha de canalizar uma coisa que eu sentia. E eu via o estudo como esse campo e eu me concentrei nele, foi a minha droga.

**Gabriela** – Você falou que muitas vezes eram uma forma de se refugiar e canalizar a opressão que você sofria para os estudos. Hoje o que é que eles representam para você? Às vezes você ainda se refugia nos estudos?

**Luma** – Não, hoje eu não preciso mais disso. Hoje eu estou num estágio da minha vida que eu posso ser eu mesma. Não preciso mais de máscaras. Hoje eu sou transparente. Eu diria para você que hoje eu não sou travesti. Eu já fui travesti, mas hoje eu não sou. Porque eu me apresento como... Como eu mesma. E eu acredito que todas as travestis que assim são não podem se sentir como travesti, mas sim, como transparente, como real, como verdadeira.

**Gabriela** – As pessoas já a reconhecem para além dessa faceta social, da Luma travesti?

**Luma** – É aquela história de você se “assujeitar” e resistir. Você vai criando essa situação para você poder se mover nessa sociedade que é muito fechada. Então, você vai criando, se movendo dessa forma. Vai ter momentos em que você vai ter que se adequar, se “assujeitar”. Mas vai ter momento em que você já se assujeitou, já cresceu ali, aí está na hora de mostrar um pouquinho do que você quer. E foi assim, nesses passos lentos, mas objetivos, que hoje eu cheguei a ser o que eu sou. Eu diria até que eu sou uma pessoa livre. Se existe um conceito que eu poderia dizer... Luma livre!

**Vandecy** – Depois que sua mãe faleceu, você começou a se assumir como Luma. Você acha que isso deu mais coragem pra assumir realmente o que você queria ser? Diferentemente das pessoas que lhe rodeavam?

**Luma** – A minha mãe já sabia, né? Ela já tinha encontrado peça *(de roupa feminina)*, minha irmã já tinha conversado com ela. Ela já sabia que eu me transformava fora, que eu era homossexual. Ela sabia disso, e ela morreu sabendo disso. Em nenhum momento, eu tentei dizer que não era, eu apenas ouvia e ficava calada.

**Welma** – No período da adolescência, quando começa a fase de paqueras, de meninos que ficam “dando em cima” das meni-



nas, e vice-versa... Como foi que você lidou com esse período da vida?

**Luma** – Fuga (*pausa*). Eu não tive uma adolescência, como um adolescente da minha época, vamos dizer assim. Eu só estudava. Ficava em casa, ficava nos livros. Eu fugia das brincadeiras, eu fugia do contato, da sociabilidade. Eu ficava em casa estudando.

**Aline** – Não tinha amigos?

**Luma** – Tinha poucos amigos. Eu tinha um amigo que eu me lembro que às vezes a gente brincava. E talvez com ele eu realizava minhas fantasias. Teve um momento em que a gente brincando, eu era a noiva e ele era o noivo, né? A gente achou um baú, no fundo do quintal da casa dele, com as roupas de casamento dos pais (*risos*). Os pais tinham viajado e a gente achou essas roupas, brincando. Eu vestia o vestido e ele vestia a roupa do rapaz. E a gente, brincando de casamento, quando chegou uma vizinha... (*risos*). Essa vizinha (*disse:*) “Nossa!” (*ênfase*). Começou a me chamar de “mariquinha”. Na época, era “mariquinha”, “mulherzinha...” (*risos*). E ela começou a fazer chantagem. “Vou dizer pra sua mãe, dizer pro seu pai!” E às vezes me pedia coisas para que ficasse em silêncio. Pedia bombom, pedia coisas de criança mesmo. Para que ela não me dissesse nada, ela ficava me chantageando.

**Aline** – E você dava?

**Luma** – Era o jeito. (*risos de todos*)

**Jéssica Welma** – Luma, aconteceu de alguma vez uma mulher se interessar pelo João e você acabar fazendo com que ela soresse uma desilusão, contando a verdade para ela?

**Luma** – Já aconteceu na minha adolescência. Eu sempre tive um físico bem avantajado... Foi até na Igreja. Uma garota se encantou, era até da alta sociedade da cidade. E ela queria porque queria ficar comigo e eu fugindo... Eu não disse nada, mas ela ficou sabendo por meio dos outros que eu era, na verdade, homossexual. Depois, quando eu já estava fazendo o processo de transformação, eu conheci uma garota, que era uma ex-aluna minha e ela se apaixonou por mim. Ia lá em casa, pedia a minha irmã para “ajeitar”. E eu já me transformando, já morava só, ves-

tia roupas femininas, mas depois eu descobri que ela era lésbica e até hoje ela tem esse encantamento por mim. E também aconteceu quando eu morava em Aracati (*A 160 km da capital, Fortaleza*). Uma aluna ficava me esperando na porta da escola. Quando eu descia do carro, ela me chamava para eu ir para o motel com ela e eu já estava de próteses.

A questão do prazer das pessoas é muito subjetiva. A forma como as pessoas vivenciam o seu prazer, seu desejo sexual... Eu diria que essa divisão entre homem e mulher e os papéis que são postos não dão conta, principalmente a questão do sexo, porque você pode ter múltiplas formas de sentir prazer, com pessoas diversas e, às vezes, você se poda para se adequar a essas regras sociais.

**Ingrid** – Entrando na questão do relacionamento, como foi o seu primeiro relacionamento amoroso? O primeiro beijo, o primeiro fica...

**Luma** – Meu primeiro relacionamento amoroso, eu já estava na faculdade. Eu acho que eu tinha 19 anos. Tá vendo como a fuga foi grande? (*risos*). Eu fui para uma festa em outra cidade, fiquei na casa de uma colega da faculdade. Fiquei hospedada na casa dela, fui com uma amiga, também homossexual, que se transformava. Na festa, eu acabei encontrando um rapaz que me chamou atenção e ele ficou olhando para mim, a gente ficou trocando olhares e, no final, eu fui embora e ele vinha atrás com os amigos. Às vezes vinha até brincando, apontando para a gente, aquela brincadeira toda... De repente, ele deixou os amigos passarem e ficou observando a gente entrar. Quando a gente entrou, ele bateu na porta e disse que queria falar comigo. A gente acabou tendo um relacionamento. Não foi sexo, porque eu queria com a pessoa certa, eu queria aquela coisa “bonitinha”. E não aconteceu sexo. O sexo para mim aconteceu com a pessoa certa, foi com ele, mas não naquele momento. Naquele primeiro momento não foi. Mas outras vezes em que eu voltei a Quixeré (*município da região jaguaritaca, a 214 km de Fortaleza*), a cidade onde eu o conheci, a gente se encontrava e ficava. Ele era casado, tinha filhos e, quando eu chegava, ele ficava comigo. Houve pessoas que na escola, inclusive homossexuais, foram fazer comentários desagradáveis. Ele ficou sabendo e acabou praticando atos violentos com esse homossexual. Não por ele ser homossexual, mas pelo fato de ele não ter tido respeito.

**Jéssica Colaço** – Antes de ter esse relacionamento amoroso, ainda quando você morava na casa dos seus pais, você chegava a sentir alguma atração por alguns rapazes?

Dias depois, quando a produção conversou com a irmã Valdete, descobrimos que João Pedro de Andrade, pai de Luma, está vivo e tem vontade de rever a filha.

Enviamos dois exemplares da Revista Entrevista para que Luma conhecesse o projeto. A edição 19, com o professor Alexandre Fleming, e a edição 26, com o ator e teatrólogo Silvero Pereira, amigo de Luma.

Dois dias antes da entrevista, sofremos com uma baixa. A fotógrafa Isabel Filgueiras mandou e-mail para a produção dizendo que não podia mais fotografar a entrevista, porque havia surgido um compromisso de última hora.

**Luma** – Lógico...

**Jéssica Colaço** – O que você fazia?

Luma – Eu ia para a Igreja Evangélica com a minha avó. Ficava lá, ouvindo tudo aquilo, lendo a Bíblia. Na verdade, na religião, eu estava atrás de forças para superar isso.

**Jéssica Colaço** – Ainda sobre a religião, você falou, em uma entrevista na revista Superinteressante, que chegou a frequentar a Igreja Evangélica, a Igreja Católica. Mas o Deus daquelas igrejas não a amavam como você era. Como é que você lida com a questão da religião?

**Luma** – Deus para mim são as pessoas. A gente tem de ver as pessoas como Deus. Então eu tenho de fazer o bem às pessoas, tenho de praticar o bem para as pessoas. É isso que eu vejo que seja o meu Deus. A natureza. Quando eu falo as pessoas, isso é extensivo à questão dos animais, ao meio ambiente em si. Da natureza num contexto geral. Porque as pessoas pregam Deus com um deus do ódio. Ele ama uns e outros, não. Ele aceita uns e outros, não. Na verdade o Deus que eu encontrei é um Deus do amor. Ele é um Deus

acha que tudo tem de se adequar ao que ela interpretou, àquilo que está posto na Bíblia. E ela acaba pegando o que é proibido, o que consta lá que não é para você fazer e dá uma visibilidade muito grande.

Outra coisa complexa é porque vai camuflar e omitir aspectos que vão te enquadrar. Por exemplo, o caso de como a mulher é tratada na Bíblia. A mulher é altamente discriminada na Bíblia. Começa que ela é feita da costela de um homem. Você quer maior submissão do que essa? (*ênfase*) Ela que trouxe o pecado! A mulher sofre muito, mas ninguém fala que a Bíblia condena as mulheres. Ninguém fala que a Bíblia tem trechos racistas. Ninguém sabe disso. Mas fala da homossexualidade. É porque ela ainda é um tabu na sociedade e essas pessoas que estão à frente das religiões utilizam isso para poder se projetar na sociedade, porque uma parte da sociedade é muito tradicional, muito fechada e vai ter esse pensamento. As pessoas sabem muito bem o que estão fazendo, estão jogando para atender aos interesses desse público.

---

**“Eu tenho algo que, se eu levantar a minha mão, eu vou levantar de forma feminina. Se eu falar, se eu gesticular, se eu andar... Então isso está em mim”**

---

que acolhe todos os seus filhos, assim como minha mãe, mesmo sabendo de tudo, ela me acolheu. Então esse é o sentimento de pai. Ele vai dizer: “Não! Isso não é assim!” Ele vai acabar aceitando, vai acabar abraçando do mesmo jeito. Então, esse é o meu Deus! Que vai sempre estar presente no outro, na natureza no contexto geral.

**Gabriela** – Luma, você pratica alguma religião hoje?

**Luma** – Hoje a religião já virou um comércio. Ela já foi capturada pelos capitalistas e as pessoas – porque envolve muito dinheiro – acabam usando os trechos da Bíblia para disseminar o ódio entre as pessoas e se projetar em cima disso, porque as coisas ruins têm mais visibilidade do que as coisas boas. O que você tem de visibilidade da Bíblia é só do que não presta, o que é dito que é errado. Por exemplo, o homossexual é visto pelas pessoas que são fundamentalistas – eu diria que não são todas as pessoas religiosas. Mas há as pessoas que são fundamentalistas e existem em todas as igrejas. Pessoas que são altamente fundamentalistas. Na hora que ela vai para o campo da sociabilidade, ela

**Jéssica Welma** – Até quando você frequentou a Igreja?

**Luma** – Eu acho que eu frequentei em torno de dois anos, por aí...

**Aline** – Eram seus avós maternos, paternos?

**Luma** – Avós maternos.

**Jéssica Colaço** – Você diz que os seus avós eram evangélicos e você chegava a frequentar a igreja com eles. Como era a aceitação deles, com relação a você?

**Luma** – Não, porque na época eu não tinha começado o processo, eu ainda estava fugindo de tudo aquilo. Na hora em que eu me afastava dessa singularidade de ser feminina, eu incorporava o masculino mais ainda, como uma forma de travesti.

**Vandecy** – Luma, você falou na entrevista que me deu em 2011, que, a partir do momento em que você entrou na faculdade, resolveu aparentar-se como uma mulher...

**Luma** – Foi, porque eu já tinha o espaço conquistado. Eu já estava concursada, eu já era bolsista da universidade, tinha ganhado prêmio como melhor trabalho desenvolvido pela UECE (*Universidade Estadual do Cea-*

A primeira reação do Vandecy, que estava assistindo a uma aula no IFCE, foi ligar para outro fotógrafo. Diego Sombra não podia, mas indicou o nome do aluno de Jornalismo Gustavo Sampaio. Depois de uma conversa no Facebook, Gustavo aceitou o convite.

rá) – que era a disseminação do ensino de Química no Vale do Jaguaribe e foi para a III Semana Universitária. Eu já tinha nome, já tinha o meu espaço, as pessoas já conheciam o meu trabalho... “É agora, eu vou ser eu mesma”. Me transformei totalmente. Antes, eu me transformava, mas era em outras cidades, em outras localidades, um pouco distante daquele meio em que eu convivia, tinha maior convivência.

**Fernando** – Luma, você acha que o seu processo de transformação está ligado com a sua aceitação?

**Luma** – Com certeza. Eu sabia que eu queria fazer essa transformação, só não poderia fazer de forma radical. Porque, se eu tivesse feito de forma radical, eu não estaria aqui hoje, porque eu teria ido para o enfrentamento e eu não tinha dado esse passo para o assujeitamento. Eu teria ido para as resistências. E na hora em que você vai para o embate, para as resistências, é um pensando diferente do outro. Não vai ser possível você penetrar. Um penetrar no outro e um conhe-

cer a realidade do outro, que a gente chama de conviver. Eu acho que aí é o segredo. Eu tinha de dar a oportunidade de eles conviverem comigo, me conhecerem para eu poder externar tudo isso que eu queria externar. É por isso que eu me assujeitava ao ambiente e, depois que eu já tinha tomado conta, já era reconhecida, eu resistia: “Agora é isso aqui!” Mas como eu já tinha o respaldo anterior, isso às vezes nem era perceptível.



cer a realidade do outro, que a gente chama de conviver. Eu acho que aí é o segredo. Eu tinha de dar a oportunidade de eles conviverem comigo, me conhecerem para eu poder externar tudo isso que eu queria externar. É por isso que eu me assujeitava ao ambiente e, depois que eu já tinha tomado conta, já era reconhecida, eu resistia: “Agora é isso aqui!” Mas como eu já tinha o respaldo anterior, isso às vezes nem era perceptível.

Era o caso, por exemplo, quando eu fui para a faculdade, no primeiro dia de aula, eu disse: “Não, não conheço a faculdade. Eu vou me precaver”. Minha transformação foi toda no campo desse cuidado, o tempo todo. Então, eu fui todo masculinizada, um blusão... Toda indumentária, toda masculina. Quando eu entrei na faculdade, eu disse: “São intelectuais. Eu não vou ter nenhum problema”. Os rapazes começaram a gritar: “Viado, viado”. Palavras pejorativas e chamando atenção, gritando... Aquela farra toda que eles fazem. Eu fiquei decepcionada, porque eu não esperava aquilo numa faculdade (*risos*), mas aconteceu e eu peguei e disse

assim: “Eu fiz todo um aparato, toda uma construção para passar uma imagem e de repente eles me descobriram”. Por trás daquela máscara toda, eles me percebiam e foi quando eu disse: “Eu tenho algo que, se eu levantar a minha mão, eu vou levantar de forma feminina. Se eu falar, se eu gesticular, se eu andar... Então isso está em mim. Não vai ser a roupa que vai... Sabe de uma coisa? Eu vou largar isso”. Então eles percebiam essa feminilidade e as pessoas aceitavam porque, ao meu entender, era como se eu tivesse tentando enganá-los. Fui feminina para a faculdade. Os rapazes não disseram mais nada, passei a incorporar na faculdade normal. Inclusive, alguns daqueles se tornaram interessados, alguns que queriam ter algo a mais. Mas, como eu era muito disciplinada nos estudos, eu não fugia à regra. Eu deixava eles me admirando, mandando bilhetinhos, querendo marcar encontro (*risos*).

**Juscelino** – Deixava só na vontade, né?

**Luma** – É... (*gargalhadas*)

**Jéssica Colaço** – Quando você passou a

se caracterizar como mulher, você comentou que o processo de transformação foi gradual. Então, como foram os passos dessa transformação? Você passou a comprar roupas femininas e usar aos poucos, como era?

**Luma** – Eu fazia parte do movimento estudantil. E eu fui participar do encontro da UBES (*União Brasileira dos Estudantes Secundaristas*), em São Paulo. Eu fazia oitava série, era o último ano do Ensino Fundamental. E eu fui com um amigo, homossexual assumido. Na época, eu não era, mas ele era. A gente passou a ter uma amizade muito forte. Fomos juntas e, lá, os rapazes começaram a me ver. Muito bonita, me admirando... Eu fui vendo que as pessoas se atraíam pelo meu porte, pela minha forma de ser. Então, eu fui conhecendo melhor esse universo trans, que foi a questão dessa minha amiga homossexual. E, às vezes, ela se montava, fazia show, aquela coisa toda. E eu fui vendo que ela era legal e eu gostava, me identificava com ela. Isso foi ficando muito próximo. Lá, a gente viu as meninas fazendo programa na rua e

A produção pediu que Luma indicasse um local para acontecer a entrevista. Ela indicou a sala onde ela tem orientação, na Faced (Faculdade de Educação da UFC).

Para reservar a sala, Aline falou com Celecina Sales, orientadora de Luma na tese de Doutorado. Celecina reservou a sala e separou a chave no dia previsto.

Horas antes da entrevista, descobrimos que Luma havia trocado o local sem nos avisar. Vandecy ligou para ela, que disse que a entrevista seria em um prédio em frente à Faced, mas ela não sabia o nome do responsável pela sala.



eu as achava muito bonita, aquelas travestis muito glamorosas. Uns rapazes começaram a me procurar para ficar comigo nesse congresso e eu voltei com outra cabeça.

Eu voltei e já queria deixar o cabelo crescer. Eu vi aquelas travestis bonitas, eu queria ser, queria me transformar daquela forma. Depois que eu voltei dessa viagem, já comecei a deixar o cabelo crescer, colocava o boné para disfarçar, prendia, escondia. No final do Ensino Médio, eu passei no vestibular logo na primeira tentativa. Eu já estava com o cabelo bem longo, enorme. E era isso! Por isso que ficava uma coisa esquisita. E eu fui ao primeiro dia muito masculina, porque eu não conhecia o ambiente e eu queria conhecer aquele ambiente, mas eu não queria chocar de uma vez. São aqueles cuidados que eu sempre tive. "Onde é que eu estou pisando?" Agora eu não posso, eu tenho de me assujeitar. Eu me assujeitava daquela forma para poder conhecer e ganhar o espaço e o reconhecimento de estar ali. Quando eu tinha o reconhecimento daquele espaço, quando veio a bolsa (*da universidade*), o meu trabalho foi selecionado, eu fui chamada para lecionar no município... "Agora eu vou abrir um pouquinho isso aqui, já sabem que eu sou homossexual, tenho o cabelo grande. Então, vamos agregar mais alguma coisa". Quando você agrega mais alguma coisa, pode até alguém dizer: "Mas fulano é assim". A outra pode dizer: "Mas é tão inteligente, faz tanta coisa". Isso acontece.

**Jéssica Welma** – Luma, antes de você começar a usar roupas de mulher, a deixar o cabelo crescer, você tinha alguma vontade

específica do universo feminino, como usar um salto 15?

**Luma** – Sim, já acontecia em casa! Eu pegava o salto da minha irmã, o batom dela. Eu pegava as roupas dela. Em casa, sozinho. Eu ia para o espelho e ficava ali me montando. Isso já acontecia. Só que eles (*a família*) não sabiam (*risos*).

**Jéssica Colaço** – Quais foram as dificuldades que você enfrentou quando estava passando pelo processo de transformação física no contexto da faculdade e na escola onde você trabalhava?

**Luma** – As pessoas iam conhecer minha capacidade no espaço onde eu estava. Por exemplo, no espaço de uma universidade pública é uma questão de mérito. E eu provei para elas que eu tinha o mérito de estar lá. Lá na minha cidade, havia poucas pessoas formadas em ciências. Inclusive meus professores do colégio não tinham terminado o curso e quando eu fui aprovada, os meus professores foram meus colegas de faculdade. Para você ter uma ideia, o curso tinha duração de quatro anos e nenhuma turma tinha concluído quando eu entrei. Só eu e outra colega concluímos a faculdade em quatro anos. Meus ex-professores da Educação Básica ainda não tinham concluído. Tanto que um deles me indicou para ensinar em uma escola que ele era diretor. "Olha eu conheço a capacidade dela..." E me chamou para dar aula. Na hora que eu ia dar aula para os adolescentes, a equipe do núcleo gestor da escola, às vezes, ficava dando uma volta pela sala, ficava atrás da porta ouvindo o que eu iria fazer. Se eu estava dando aula direito, se eu estava fazendo coisas erradas ou algo parecido. Quando eles percebiam que eu conseguia prender a atenção dos meninos e os alunos gostavam da minha aula, eles deixaram de ir atrás de mim nas minhas aulas e passaram a confiar. Eu já estava livre de mais essa prisão. Eu poderia caminhar mais um pouco, ir mais à frente. O processo era contínuo. Sempre que as pessoas iam fazer uma análise minha, elas faziam por isto: "Não! É uma pessoa que faz faculdade. É uma professora". Sempre teria isso para me aceitar. Então, a escola e o conhecimento foram os meus dispositivos de poder, como dizia Foucault (*Michel Foucault, filósofo francês, 1926-1984*).

**Vandecy** – Por que você escolheu o curso de Biologia?

**Luma** – A Fafidam (*Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos*) faz parte da UECE, uma extensão da universidade no Interior. Eu gostava da área das Ciências da Natureza, antiga Ciências Exatas - que de exata não tem nada a ver (*risos*). Eu tinha afinidade,

Vandecy foi atrás do "cara de blusa azul que estaria almoçando na cantina da dona Gina". Por sorte, o responsável pelo prédio do Nuper (Núcleo de Pesquisas e Estudos Regionais) estava lá e abriu a sala para que a produção pudesse organizar o local.

porque eu dava aulas para meus colegas de matemática. E gostava de ciências. E sempre, quando chegavam as provas, aqueles meus colegas que tinham dificuldade me pediam ajuda. A gente criava uma cumplicidade muito grande, porque eles me defendiam e eu os ajudava. Às vezes até os colegas de outras salas, que fossem, por ventura, me constranger, eles me defendiam. Eu acho que uma coisa muito importante do estudo para mim foi sair do turno vespertino. Passei a estudar no período noturno. Isso para mim foi muito cedo, porque foi também mais uma fuga. Porque os adolescentes são muito intolerantes – vou dizer dessa forma. Eles pegam muito na questão da pessoa que é homossexual, e eu queria ir para a noite porque havia pessoas que eram mais adultas e a minha postura é uma postura mais adulta. Eu fiquei numa sala onde havia pessoas mais maduras e passei a conviver melhor. Eu ajudava muito antes das avaliações para que eles compreendessem os conhecimentos de matemática, ciências, e isso foi muito bom.

**Alan** – Você falou que, quando lecionava a relação com os alunos era boa. Luma, como era a sua relação com os alunos e os pais dos alunos? Mas como era a sua relação com os pais desses alunos?

**Luma** – É interessante, porque a relação passava a ser muito boa depois que nós passamos a conviver. Porque, logo no início, é um impacto. Você é um adolescente, você está numa sala de aula. Você espera um professor ou uma professora e você acha que a escola vai trazer pessoas desse tipo. Tudo adequado a este papel: professor masculino e professora feminina. Eles esperavam isso. Quando de repente apareceu aquela figura andrógena, homem e mulher, eles se assustavam, porque para eles era uma coisa estranha. Daí eles começavam a gritar, a dizer “nomes”... Aquela farral! Quando eu pedia a fala: “Eu sou a professora de vocês e tal. Me respeitem. Eu tenho a minha vida, eu sou...” Eu explicava o que eu era. “Eu sou homossexual. Que eu gostava de homem. A minha vida lá fora é pessoal. Eu fazia dela o que queria, mas a gente vai conviver um ano junto e espero que nosso relacionamento seja numa boa”. O impacto deles foi exatamente este: eles não esperavam que eu fosse abrir a minha vida. Eles esperavam que eu fosse camuflar. É aí onde tá o perigo! Eles, percebendo essa minha singularidade feminina, e eu querendo passar uma ideia de masculinidade...

Então para eles, eu estava os enganando. O aluno, quando ele se sente enganado, ele não tem uma confiança em você. E ser professor perpassa muito da afetividade e da

confiança. Você tem de confiar naquela pessoa. Aquela pessoa é capaz, ela tem conhecimento e ela é uma pessoa próxima. Uma pessoa real. Não é aquele superior e você inferior. Eu tinha esse relacionamento com eles muito aberto. Eu falava da minha vida e eles acabavam se identificando. Por que eles se identificavam? Porque eu mostrava para eles a questão do preconceito. Eles eram negros, pobres, e sabiam muito bem do que eu estava falando. Eu entrava no campo familiar. Porque, quando você tem amor, você é incorporado na família. Quando você ama alguém, aquela pessoa é família. Esse relacionamento de professora e alunos chegou nesse campo afetivo-familiar. Nós chegamos num estado de família. Aquele grupo não era mais o professor superior, todo-poderoso, e eles inferiores. Era uma família. Então, a gente passava muito a se proteger. Quando um cometia uma infração com o outro – porque era negro ou porque é mulher ou coisa parecida – tentando inferiorizar, eu sempre aproveitava esses momentos para ter uma conversa. Fazia todo um diálogo. “E aí, você ia gostar de estar nessa situação?”. Eu aproveitava aqueles momentos para dar uma aula. Uma aula de cidadania, uma aula de convivência, porque isso é a formação dos jovens. A educação é para isso. E tem gente que pensa: “Ah, eu tenho de seguir aquele roteiro, aquilo que está posto, aquele programa...” Não! Há coisas que são latentes. Há coisa na escola que é muito mais importante do que você planejou em casa. Essas coisas que são latentes têm de ser trabalhadas, porque você está formando, antes de tudo, pessoas que vão para a sociedade. Como que você vai formar experts em matemática, em língua portuguesa e pessoas que são zero em relações humanas? Que pessoa é essa que você vai produzir? Apesar de que a escola está projetada para isso! Quando ela tem quatro ou cinco aulas de matemática, de

---

“É porque eu não quero que ninguém sofra o que eu sofri. Quando eu vejo que tem uma geração por vir, eu passar por isso tudo e não fazer nada?”

---

Para produzir o material sobre a Luma, a produção transcreveu duas horas da entrevista que o Vandecy e o Danilo Castro haviam feito com ela em 2011. A transcrição foi um teste para transcrição oficial da entrevista.

Devido à dificuldade em falar com Luma, o material de produção da entrevistada foi feito em apenas uma semana e tinha 73 páginas. Constavam no material o Lattes de Luma, as pré-entrevistas e as principais reportagens publicadas sobre ela.

Além disso, a produção também preparou um glossário com termos do universo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), como gênero, identidade, orientação sexual, transfobia, transexual e travesti.

português e você vê lá uma sociologia, uma filosofia, uma aula perdida e que não é uma coisa muito bem trabalhada.

O professor mesmo vai fazer isso, se ele tem um bom relacionamento com os alunos. Foi extensivo. Por que foi extensivo? Porque os alunos relatavam essas experiências em casa e, no relato das experiências, os pais ficavam: "Quem é essa pessoa que é desse jeito?". Porque eles contavam como eu era. "É uma pessoa legal...". Às vezes, eu andando na rua, encontrava com alguns pais, que eu nem conhecia. Os pais dos alunos chegavam até mim e diziam: "Puxa, você dá aula para meu filho e tal... Eu era louca para te conhecer. Me dá um abraço. Ele fala tanto em você..." Isso porque você entrou no campo afetivo. Depois que a gente entra nisso, eu não precisava gritar com eles, eu não precisava empurrá-los, eu não precisava fazer nada. Porque eu olhava e eles já entendiam o que eu queria. E tinham um respeito. Assim como eu os respeitava, eles me respeitavam. Detalhe: não aceitavam que ninguém me desrespeitasse.

**Jéssica Welma** – Essa sua relação com os alunos fez com que você tivesse alguma desavença com outros professores?

**Luma** – Com certeza! Porque, por exemplo, havia caso em que o jovem era totalmente indisciplinado. Quando eu passei a lecionar, eu comecei a entrar nesse campo para saber o que era, porque tinha alguma coisa errada naquele menino que ele ficava botando fogo nas coisas, que ficava implicando com os outros... Como eu tinha conhecimento, como eu tinha estudado, eu pensei: "Esse menino tá me querendo dizer alguma coisa. Tudo que ele está fazendo não é por acaso. Ele está querendo me dizer algo". Eu o chamava, íamos conversar e eu acabava descobrindo o que acontecia na família. O porquê que ele era daquele jeito, porque ele estava

**"Se eu luto por uma sociedade menos preconceituosa, nada mais justo do que ter uma pessoa diferente para se posicionar também e ter uma voz legítima"**

Segundo a I Conferência Nacional LGBT, em 2008, heteronormatividade "refere-se a um conjunto de processos no âmbito dos quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como a única possibilidade legítima e natural de expressão identitária e sexual".

dizendo: "Eu quero atenção, eu quero que alguém me escute!". Mas ninguém escutava. A gente entrava mais uma vez no campo da afetividade.

Havia professores que não tinham essa compreensão e eram muito rígidos. Iam para o confronto. O aluno estava querendo dizer: "Me escute!". E o professor: "Fique quieto! Fique calado! Pare com isso!" E para o aluno continuava a ser uma afronta, e a coisa ia ficando pior. Resultado: tinha caso que, quando o conselho de professores se reunia para tomar uma decisão, dizia: "Fulano. Como é que ele tá?" Todos diziam que não estava legal, só comigo era diferente. O diretor dizia: "Como é que pode? Só você?". E eu respondia: "Eu não vou dizer para você o que não é verdade. Comigo ele é um excelente aluno, agora com os outros eu não sei". Por causa disso, eu acabei recebendo um convite de uma escola particular. Primeiro foi um teste com um aluno altamente indisciplinado, que eu tive de fazer esse trabalho também. Ele era um filho de um médico bem famoso da cidade. Ele fazia o que queria na escola. Eu comecei a ter um trabalho com ele e ele passou a ser meu assistente. Eu saía e ele tomava conta da sala de aula, melhor do que muitos professores que não conseguiam liderar a turma. Às vezes, eu saía de propósito. "Olha, quem vai ficar aqui agora é o fulano. Ele vai tomar conta da sala". Por incrível que pareça, ele, indisciplinado como era, se tornava um disciplinador perfeito. Então, é a confiança. Ser educador ou educadora vai muito pela afetividade. "Nós vamos ter de ser família".

**Gabriela** – Quanto à Luma militante, que trabalha pelos direitos feministas, homossexuais. Eu queria entender de onde você tira essa motivação para lutar tanto pelos direitos humanos?

Luma – É porque eu não quero que ninguém sofra o que eu sofri. Quando eu vejo que tem uma geração por vir, eu passar por isso tudo e não fazer nada? De que valeu a pena? Eu poderia estar muito bem numa situação muito confortável. Eu digo para você que tem motivo sim. Eu preocupada, às vezes, com alguém que faz parte da Associação (*Associação Russana da Diversidade Humana*), alguma travesti ou homossexual. Às vezes, porque eu estou na luta na Câmara de Vereadores para aprovar a lei que combate a discriminação e, ao mesmo tempo, ter tempo para fazer a tese, eu tenho de ter tempo para trabalhar, ser essa Luma múltipla.

O Alexandre Fleming (*amigo e co-orientador da tese de doutorado de Luma*), uma das pessoas que estão me dando muito apoio com a tese, diz assim: "Como é que você aguenta? Você quer fazer o quê?" (*risos*).

Mas eu me sinto na responsabilidade de ter de fazer alguma coisa. Porque se eu não fizer – porque eu sou mais esclarecida – quem vai fazer? Certa vez, eu ouvi uma fala de uma defensora pública, Amélia Soares Rocha (*Titular do Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública Geral do Estado do Ceará*), que colocava o seguinte: “Essa juventude que hoje se encontra aqui nesse momento histórico acha que está tudo garantido, que tudo é natural. Que para a gente conseguir o que a gente tem hoje não teve nenhuma guerra.” Não conhecem a história. Achem que está tudo garantido, que sempre foi assim, mas não tem nada garantido. O que a gente conquistou pode ser perdido. Porque o que a gente conquistou são leis e podem vir outras pessoas que pensam diferente e modificam essas leis. Então, o que nós temos hoje não é nada garantido e as pessoas precisam ficar sabendo disso.

Milhares de negros, escravos morreram. Hoje os negros estão em uma luta, mas tem toda uma história. Mas que história é essa? Quem conta isso? Por que hoje querem dar cotas aos negros? Há negros que acham que nem precisam. Mas por quê? Porque não conhecem a história. A mulher tem de conhecer a história da mulher. Houve uma época em que a mulher não votava. Houve uma época em que a mulher não poderia nem sair de casa, era só cuidando da família. E ainda há mulheres que ainda pensam dessa forma. O cuidado que tem de se ter, principalmente para quem é jornalista, para quem trabalha em escolas, é saber, que não é porque você é homossexual, travesti, que você sabe todo o contexto histórico e dessa construção de ser homossexual. Não é algo inatista. “Você nasceu homossexual e você já sabe de tudo...” Não é dessa forma! Existem pessoas que não fazem parte dessas singularidades e elas têm um conhecimento histórico e conseguem compreender todo esse contexto, porque tiveram leituras, foram estudar, e foi isso que eu fiz. Eu sou uma travesti. Eu estou uma travesti – e o que isso representa hoje? O que aconteceu para hoje eu está aqui? Aí onde vêm os estudos teóricos, antropológicos, sociológicos... Essas pessoas (*os teóricos, os pesquisadores*) clareiam muito o que está acontecendo hoje. Já houve caso de uma escola, a pessoa dizer: “Eu tô dando aula sobre a questão da homofobia e vou convidar um homossexual”. Não é assim! “Eu vou dar uma aula sobre mulher e vou trazer uma mulher”. Não! Tem de ser uma pessoa que saiba o que é ser mulher, o que é ser negro, o que é ser travesti com o percurso histórico para que as pessoas percebam que não foi essa coisa dada que apa-



renta ser hoje.

**Aline** – Como funciona a Associação Russana (*Associação que funciona no município de Russas, na região Jaguaribana, a 162 km de Fortaleza*)?

**Luma** – A associação foi pensada muito no campo do teórico, de pensadores, de sociólogos, de antropólogos, na linha do “quebrar o preconceito”. Eu poderia muito bem ter fundado a associação para homossexuais. Mas aí é o pensamento cartesiano. E essa história que eu estou contando para vocês. O negro é negro, é ele que vai ter de fazer um movimento para quebrar o preconceito. É mulher? Ela que vai ter de juntar com outras mulheres para lutar contra o preconceito. Quando você segrega tantas lutas... Todo mundo não quer espaço? Eu quero um espaço que ainda não conquistei, você quer outro e nós vamos acabar travando uma guerrilha. Movimento negro, movimento homossexual, movimento feminista... “Isso não funciona!” Porque você acaba criando esse gueto. Por que o negro só pode lutar em favor dos direitos para negros? Por que só mulher pode lutar a favor dos direitos das mulheres? Não! Nós temos de colocar todo mundo na mesma luta. Aí surgiu a Associação Russana da Diversidade Humana, uma associação que vai incorporar as diversidades. A gente trabalha com o combate ao preconceito de qualquer natureza. O estatuto é muito bem claro quando ele coloca essas posições para evitar essas guerrilhas.

**Gabriela** – Você que está à frente da associação, já passou alguma vez pela sua cabeça concorrer a algum cargo político?

**Luma** – Olha, numa associação onde você tem um aglomerado de homossexuais e travestis, em uma cidade pequena do interior, é visto às vezes como uma coisa absurda. A gente tem de entender porque é parte da cultura das pessoas, nós estamos aos poucos desconstruindo isso. Hoje Russas é outra cidade. É mais aberta, mais respeitosa com o universo trans. Por causa de um trabalho que a gente vem fazendo desde 2009, quando foi fundada (*a associação*). Mas é um processo muito lento. É um processo doloroso. Às vezes quem está lá nos espaços de poder, não

No processo de apuração da pauta, Aline e Vandecy acharam essencial ter um homem e uma mulher na equipe de produção. As diferentes visões contribuíram para entender as diversas fases por qual Luma passou.

Luma trabalha como assessora técnica na 10ª Crede (Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação), coordenando 26 escolas em três municípios do interior do Estado.

Luma graduou-se em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 1999. Tem Especialização em Educação Ciências e Ética na Humanização do Meio Ambiente, também pela UECE.



tem esse olhar. Acha que não é importante. Acha que há coisas mais importantes. Às vezes, não tem essa sensibilidade. E esses espaços são ocupados por pessoas que fazem o trabalho de assistencialismo e não fazem o trabalho que a população no geral possa ser beneficiada. Não por causa da associação, mas eu acho que faz parte da minha luta... Se eu luto por uma sociedade menos preconceituosa, uma sociedade mais aberta para convivências com as diferenças, então, nada mais justo do que ter uma pessoa diferente como Luma para poder se posicionar também e ter uma voz legítima. Porque os nossos governantes decidem muito do que ocorre nas nossas vidas e a gente fica à mercê de tudo isso. Eu acho que como espaço importante de ocupação para as diferenças, não só para as travestis, mas para a mulher, para o negro, para o deficiente... Eles são politizados e têm condições de desenvolver um bom trabalho. Eu pretendo sim. Sou atualmente pré-candidata ao cargo de vereadora em Russas pelo PT (*Partido dos Trabalhadores*).

**Jéssica Welma** – Luma, você destacou a importância do processo histórico nas lutas. Você se vê como parte do processo histórico das travestis?

**Luma** – (*Pausa longa*) Com certeza! Não tem como dizer que não. Sem falsa modéstia. Porque você ser a primeira travesti a cursar um doutorado em uma universidade pública é um marco histórico. E olha que nós estamos no século XXI. Se fala tanto sobre o combate ao preconceito e à discriminação, mas só agora uma travesti consegue chegar a esse espaço. Eu diria que poucas travestis estão cursando o ensino fundamental, porque elas já incorporaram uma ideia que já passaram para ela de que ela não tem capacidade de estar em outros espaços que não

seja o da prostituição. Esse lugar é dado de graça. E os outros não. À custa de muita dor, de sofrimento e de muita guerrilha.

**Aline** – Em algum momento você pensou em desistir?

**Luma** – (*pausa*) Sim. Há momentos em que você se cansa de tanta pressão (*ênfase*). Eu estava lecionando na cidade de Aracati, fazia mestrado e eu ainda era (professora) temporária. Tive dificuldade em ter minha lotação (*colocar um funcionário em determinado setor, repartição*), porque o diretor não queria fazer. Por causa da minha singularidade, mas a coordenadora da Crede (*Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação*) foi lá e fez minha lotação. Nessa escola, eu sofri um pouco. As pessoas queriam me colocar em descrédito. Abriam um concurso com quatro vagas para professor de Biologia, em Aracati. Uma boa parte dos professores e até o gestor diziam: “Agora a gente vai se livrar dela, porque ela não vai ter capacidade para passar num concurso. Vários professores vão participar da seleção, só são quatro vagas e agora a gente se livra dela”. Então, eu fiz um processo seletivo do concurso para professores do Estado. O resultado saiu e só passou uma pessoa. (*risos*) Fui eu! E mais uma vez entrou no campo do mérito. Eles esperavam que eu não fosse passar, porque não acreditavam na minha capacidade. Mesmo sabendo que os alunos faziam propaganda. Os alunos das escolas particulares queriam que eu fosse dar aula e eu acabava não indo porque eram escolas evangélicas, católicas. Quando os alunos me procuravam, eu dizia que nunca tinha recebido o convite. Eles me falavam que pessoas lá de dentro diziam que me tinham feito convite, mas eu não tinha tempo para lecionar lá. Mas, na verdade, eles (*os donos dos colégios*) nem queriam me fazer o convite...

Fez também Especialização em Gestão e Avaliação da Educação Pública, em 2011, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Em 2003, iniciou Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

(risos) Porque eram escolas religiosas e viam como uma coisa profana. Eu profanava tudo (risos). Eu passei em primeiro lugar e eram quatro vagas...

Fui atrás da vaga em outra escola do mesmo município, mas a diretora disse que não tinha (a vaga). Eu disse: "Como não tem? Não eram quatro vagas? Só eu passei como é que não tem? Que matemática é essa? (risos) Eu convoquei mais uma vez a coordenadora e ela teve de ir lá fazer a lotação. Mas era assim: quando eu era temporária no Estado, a última pessoa a ser lotada era eu. Eu só pegava resto do resto. Como eu tinha de passar o estágio probatório nessa escola, tive de passar três anos no estágio, como era exigido. Quando eu estava próxima de concluir o estágio probatório, eu coloquei prótese (mamária). Eu já era reconhecida, já tinha ganhado meu mérito, agora... Eu pensei: "Vamos lá, próteses!" (gargalhadas). Agora é a vez das próteses. Eu coloquei a prótese – eu sempre fui muito esperta nessas questões, mas eu vou me resguardar. Eu vestia a roupa normal e colocava uma bata por cima para cobrir... Sabiam que tinha seio, mas era uma coisa bem coberta. Não demorou muito tempo e eu recebi uma ligação da Ouvidoria da Seduc (Secretaria de Educação do Estado) dizendo que queria conversar comigo e eu fiquei curiosa. A moça acabou dizendo: "É porque estão dizendo que você estava mostrando os seios para os alunos na sala de aula". Eu respondi: "Mostrando os seios? Eu estou totalmente protegida". Eu peguei fotos onde eu estava lecionando com a bata, coloquei a situação para os alunos, porque eu era sincera. Tudo que acontecia relacionado a minha pessoa, eu dizia aos meus alunos. Eles se revoltaram. Fizeram um abaixo-assinado dizendo que aquilo não tinha acontecido. Eu levei esse abaixo-assinado, as fotos, meus certificados, cursos –porque nessas horas não adianta você falar. Uma moça chegou lá e me disse: "Você veio com isso tudo?" E eu disse: "É! Porque no meu caso não basta só falar, eu tenho que mostrar. (risos) Tá aqui, eu faço mestrado..." Porque as pessoas não acreditam. "Ela? Uma travesti? Fazer mestrado?" Então, as pessoas ficam desconfiadas. Foi nesse momento que eu fiquei muito arrasada. "Mas eu estou fazendo um trabalho direito e até isso?" Lá, eu mostrei tudo para as meninas. Deu vontade de desistir mesmo e de dizer: "Realmente esse não é o meu espaço. Eu vou atrás do meu espaço". E esse espaço poderia ser o que leva todas as travestis no mundo, que é o campo da venda do corpo, da comercialização do corpo. Depois, com mais calma, eu refleti e levei as documentações para a Ouvidoria. Mostrei que

não era verdade. Elas me pediram desculpa. Foi nesse momento que eu quis fraquejar... De tanta coisa, tem um momento que você fica pesado.

**Jéssica Colaço** – Você disse que sua motivação desde a militância até o doutorado é garantir que as gerações que estão vindo não passem pelo mesmo sofrimento que você passou. Mas quando você estava passando por esse sofrimento onde você encontrava forças para conseguir superar isso?

**Luma** – Eu sempre estava sozinha. Nessa minha fuga, eu ficava muito só e eu me acostumei a conversar comigo mesma, no meu íntimo. Eu buscava forças no meu interior. Eu pegava todos os caquinhos de vidro que estavam esvaçados e, desses cacos de vidros, eu tentava me reconstruir. A força era interior mesmo. Um pensamento positivo: "Isso vai passar. Eu vou conseguir. Eu vou superar". E outra coisa que o conhecimento me trouxe: você entender por que você está passando por tudo isso. Você não pode dizer: "Ah, mas eu sou a vítima, um pobre coitado..." Você não pode fazer isso! Isso que está acontecendo faz parte de uma relação de poder, como disse Foucault. Cada um está buscando seu espaço. Cada um estabelece uma relação com seu poder e esses jogos de poderes vão entrar em atrito. Vai ocorrer uma modificação. A imposição de entrar no "eu" e perceber que o outro tem uma "legitimidade" em fazer isso, porque ele vem de uma cultura que pregou isso para ele. Ele é fruto dessa cultura. Qual é a minha responsabilidade nisso tudo? Penetrar nesse espaço fechado, porque ele foi construído em cima da cultura, aí ele está fechado. Qual o objetivo? Eu confrontar com ele? Não! Eu tenho de agregar para poder dar a ele a oportunidade de me conhecer. Ele me conhecendo, vai perceber que não é nada disso. Foi tudo isso que aconteceu comigo. Cada nova sala que eu entrava com 40 ou 50 alunos era uma nova conquista. Eu fazia os alunos conhe-

---

**"Cada nova sala era uma nova conquista. Depois que eles me conheciam, eu deixava de ser um monstro. A convivência é a chave para tudo"**

---

Começou o Doutorado em Educação, em 2008, na Universidade Federal do Ceará (UFC), com a tese intitulada: "Travesti na Escola: Assujeitamento e/ou Resistência à Ordem Normativa".

No dia 3 de maio de 2012, o Diário Oficial do Estado do Ceará publicou a Resolução nº 437/2012, que dispõe sobre a inclusão do nome social de travestis e transexuais nas instituições escolares de educação básica e de ensino superior.

No dia da entrevista, Aline tinha passado a manhã no hospital. Estava com suspeita de dengue. Já Fernando estava com febre e virose. Mesmo assim, os dois participaram da entrevista à tarde.

cerem a Luma. Depois que eles conheciam, eu deixava de ser um monstro, porque eu já passava para o campo do conhecido. A convivência é a chave para tudo. Agora, quando você se fecha, é complicado. Quando eu me assujeito a entrar na linha dessa pessoa para poder fazer ela entender o que eu penso, eu vou entrar na linha de raciocínio dela para chegar mais perto, mas depois eu vou fazer ela me entender. Se assujeita para depois resistir. É o jogo que tem de ser feito.

**Gabriela** – O que aconteceu quando você e o Wellington (*José Wellington de Oliveira Machado*), seu esposo, decidiram morar juntos? Você encontrou resistência onde vocês moravam, por não fazerem parte desse padrão heteronormativo?

**Luma** – É... Se relacionar com homem é mais fácil (*risos*). De certa forma, a gente continua projetando o mesmo. Porque para a sociedade eu sou uma mulher. Estou me comportando como uma mulher, me vestindo como uma mulher... E ele, um homem. As pessoas acham tão estranho quando veem dois homens juntos. Para um homossexual conviver na sociedade isoladamente é mais fácil do que para uma travesti. Quando você vai para a questão do relacionamento é mais fácil aceitar o relacionamento da travesti com um rapaz do que um rapaz com outro rapaz. É muito mais complexo para a sociedade aceitar. Por exemplo: dois barbudos se beijando. Porque é isso que a sociedade usa para levar como se fosse uma coisa estranha e, na verdade, não é. A cultura dela (*travesti*) é menos difícil do que um relacionamento entre dois homens. O nosso relacionamento, meu e Wellington, é explícito. Ele vai para as festas do meu trabalho, eu vou para as festas do trabalho dele. Em eventos sociais, nós vamos juntos. Vamos para loja comprar, andamos nas ruas com as mãos dadas, nos beijamos. Somos um casal como qualquer outro.

**Jéssica Welma** – Quando vocês começaram a se relacionar, ele já havia passado pelo processo de se aceitar? De se mostrar para a sociedade que era homossexual ou isso foi

**“Vocês vão levar a minha voz e o meu pensamento para pessoas que não tiveram contato comigo. Isso também é um marco histórico”**

Sabendo que a produção estava envolvida com os projetos de conclusão do curso, o professor Ronaldo Salgado estendeu o prazo para a entrega do material da entrevista: a transcrição, as janelas e as ventilações.

sendo construído ao longo do relacionamento de vocês?

**Luma** – Ele é professor de História. Ele é um intelectual. Uma pessoa que tem várias leituras. Eu me apaixonei por ele sem conhecê-lo pessoalmente. Eu vi um texto dele e achei a coisa mais linda. Eu me apaixonei pelo texto e depois eu o conheci. Ele estava com um relacionamento com outra pessoa. Em outro momento, que a gente se encontrou, ele estava só. Eu não esperava, porque ele tinha medo. Para mim, não tinha problema, porque eu já venho de umas leituras pós-estruturalistas, pós-identitárias e, para mim, tudo pode. Eu acho assim: você sentir vontade, desejo, não importa qual é a sua genitália, não importa se você se identifica como hétero, como homem. Porque isso são só nomenclaturas para tentar identificar as pessoas, mas na verdade não dão conta da pessoa. As pessoas são muito mais que sua sexualidade ou qualquer outra coisa. Elas são muito mais complexas do que isso.

Então, eu gostei dele e temia de chegar e dizer: “Eu queria ficar com você”. Porque eu sabia que ele era homossexual. E eu pensava: “Ele é homossexual e jamais vai se relacionar com uma travesti”. Chegou um momento da conversa que eu disse assim: “Olha, você está só, eu estou só e aí?”. Ele respondeu: “E aí, o quê?” (*gargalhadas*). Eu disse: “Eu percebi que você estava só, sei que você é homossexual, mas sei que você não vai sentir atração por uma travesti, não é?” Eu já fui logo respondendo por ele. Ele me olhou e disse: “Quem te disse isso?” (*gargalhadas de todos*) Isso me pegou de surpresa. Eu sabia que ele era uma pessoa muito inteligente, mas eu não sabia que ele tinha essa abertura e essas leituras... Ele me disse: “Eu também te vi em Russas e fiquei atraído por você”. E respondi: “Pois então pronto! Vamos lá pra casa” (*mais gargalhadas*). Ele resolveu sair de casa para morar comigo.

**Juscelino** – De toda a sua trajetória, qual foi o momento mais feliz?

**Luma** – (*pausa*) Houve vários momentos... Porque a vida é feita de momentos bons e ruins. Atualmente eu tenho momentos bons e momentos difíceis, em todos os aspectos. Quando eu passei na faculdade, quando eu passei no mestrado... Eu não posso dizer um, porque cada conquista vinha para eu poder desenvolver e mostrar quem eu era. Então, todas são importantes no seu tempo, no seu momento. Não vou dizer que um era melhor do que o outro, porque naquele momento era mais importante.

**Aline** – Luma, você desenvolveu o PIN (*Projeto Intimamente Mulher*), né? Como foi o desenvolvimento desse projeto?

**Luma** – Bem, eu estava lecionando numa escola em Aracati e tive um sonho com a minha mãe. Ela me dizia que eu não deveria deixar as minhas alunas morrerem da forma que ela morreu. Ela morreu nos meus braços, de câncer no colo uterino. Ela nunca tinha feito um exame ginecológico. Logo quando eu acordei, eu já comecei a escrever o projeto. O projeto era uma parceria da escola com a Secretaria de Saúde, onde as meninas iriam fazer exames ginecológicos. Sem burocracia, porque muitas meninas moravam no interior, era muito difícil para elas fazer um exame desses. *(pausa para respirar)* Eu levei o projeto e ele foi aprovado. Toda semana ia um grupo de meninas em tal horário para fazer o exame. Nesse projeto, nós percebemos que algumas meninas tinham até DSTs *(Doenças Sexualmente Transmissíveis)*. O projeto foi ganhando mais corpo. Nós não podíamos trabalhar só a prevenção, agregamos a questão das DSTs. O projeto foi tendo tanto sucesso que as mães das alunas começaram a participar dele. Elas, donas-de-casa, mulheres que nunca tinham feito um exame ginecológico. Eu me recordei à situação da minha mãe. Meninas virgens que achavam que eram virgens não podiam fazer exame, porque se criou uma cultura de porque era virgem não podia fazer. Eu desconstruí tudo isso. A gente conseguia medicamentos nos casos mais graves, encaminhava para Fortaleza.

Quer dizer, eu estava na ativa nesse trabalho. Em 2005, foi lançado o Prêmio Ciências do Ensino Médio *(prêmio realizado em parceria com a Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)*. Eu inscrevi o projeto e mandei para o MEC *(Ministério da Educação)*. O projeto foi selecionado em primeiro lugar no Esta-

do do Ceará e fomos receber o prêmio em Brasília. Na hora que chamaram o meu nome de batismo, apareceu aquela mulher enorme de salto alto *(risos)*. O público presente ficou chocado, o ministro *(Fernando Haddad, então ministro da Educação)* inclusive *(mais risos)*. Recebi o cheque no valor de 20 mil reais e esse valor era para desenvolver atividades na escola relacionadas ao projeto PIM. Para minha surpresa, o conselho escolar escolheu fazer um laboratório, porque não tinha laboratório multidisciplinar na escola. Eu trabalhava muito com prática e levava os alunos para outro espaço. Então, eles me disseram: “Vamos pegar uma sala, adaptar e fazer um laboratório”. A surpresa não foi só essa. No dia da inauguração, eu fui convidada a puxar a faixa junto com o diretor. Na hora em que eu puxo, estava lá: Maria Nogueira Gomes. Foi um momento de emoção completa, porque era o nome da minha mãe. Ela nunca tinha ido a Aracati. Depois eu soube que inicialmente eles tinham pensado colocar meu nome, como uma homenagem. Mas tem uma lei que não permite nomes de pessoas vivas em espaços públicos. Como sabiam também da história da minha mãe, acabaram me homenageando. Foi uma linda homenagem colocar o nome da minha mãe naquele local!

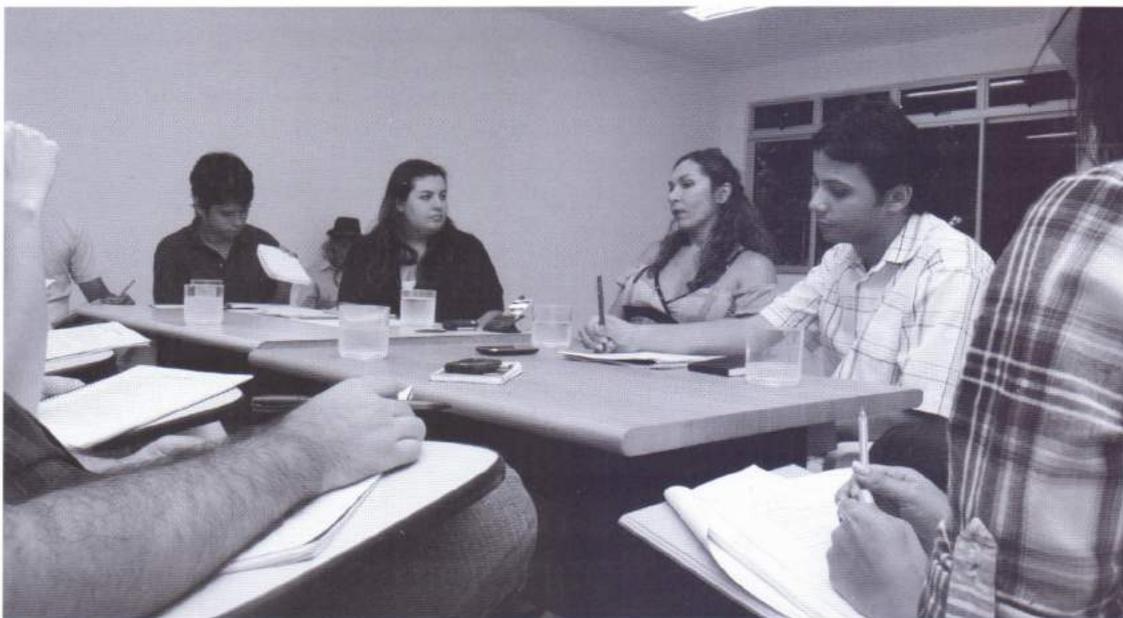
**Jéssica Colaço** – Sua mãe sempre foi o grande ícone da sua vida, não é?

**Luma** – Sim, porque ela era uma pessoa muito serena. Uma pessoa muito amável e sofreu muito. Ela sofreu toda a questão do preconceito de ser excluída da família, porque ela foi desquitada na época. Por ser pobre, ela se assujeitou a muita coisa.

**Alan** – Você tem vontade de ser mãe?

**Luma** – Tenho. Eu e o Wellington... A gente pretende adotar uma criança para viven-

Para editar o material, Aline e Vandecy trabalharam, quase sem pausa, das 13h30 às 22h, na casa da Aline. O material foi finalizado apenas a 0h30min, quando o Vandecy já estava em casa e os dois alinhavam a edição pelo Gtalk.



O pensamento cartesiano consiste em explicar os fenômenos pela busca da verdade. O método de estudo despreza as influências históricas e social do indivíduo, além de eliminar todo conhecimento inseguro ou sujeito a controvérsias.

O professor Ronaldo Salgado publicou foto da entrevista com Luma em seu *Facebook*, no dia 11 de maio. A foto gerou vários comentários e compartilhamentos, inclusive do esposo de Luma, Wellington. Cerca de 80 pessoas curtiram a publicação.

ciar esse momento. Eu acho que é legal. A gente pretende, sim. No futuro, não agora.

**Aline** – E a união de vocês legalmente? *(vale lembrar que o Supremo Tribunal Federal aprovou a União Homoafetiva em maio de 2011)*

**Luma** – Eu ainda estou num processo de mudança muito intenso, porque estou concluindo o doutorado e ele já entrou nesse período. Nós estamos juntos há três anos e o doutorado vai fazer quatro anos. Ele já entrou nesse momento turbulento da minha vida. Ainda não é o momento certo. A gente ainda está se estabilizando e precisa se fixar. Porque eu já passei por Morada Nova, Aracati, agora estou em Russas. E quando eu achar: “É aqui que eu vou ficar”. Se for realmente em Russas, aí sim. Logo em seguida, vamos adotar a criança.

**Aline** – Você pode nos dizer como foi que se deu o processo de mudança do seu nome? E como você se sentiu?

**Luma** – O nome de batismo é uma coisa que incomoda muito as travestis, porque denuncia aquilo que você não é. Ele vai denunciar aquilo que as pessoas queriam que você fosse e não o que você é. Isso acaba colocando a travesti em uma situação ridícula. Para mim, também era muito difícil. Foi muito difícil carregar esse nome. Até quando houve uma decisão do Superior Tribunal de Justiça em favor de uma travesti no Rio Grande do Sul. Logo em seguida, eu peguei o processo dela e entrei com uma ação na Justiça. Como eu era muito conhecida na cidade e todos sabiam quem era Luma, não foi difícil. Isso eu tenho de ser realista. O juiz e o promotor de Justiça viam que existia uma jurisprudência e não teria nada de anormal. Assim como o Lula *(originalmente Luis Inácio da Silva)* mudou o nome dele, a Xuxa *(de batismo, Maria das Graças Meneghel)* mudou, por que eu não posso? Entra na mesma regra. A mudança do prenome. Isso serve para qualquer cidadão. Agora, por que comigo vai ser diferente? Porque o nome João Filho me ridicularizava e o que me adequava era

**“Ser mulher para mim é um estágio mental. Eu sou uma mulher assim. E existem vários tipos de mulheres. Eu sou uma mulher-trans”**

Janaina Dutra foi a primeira travesti no Brasil a portar a carteira profissional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-CE). Em 2004, Janaina morreu de câncer pulmonar aos 43 anos..

Luma. Por isso, eu entrei na Justiça e consegui o ganho de causa, mas o mais difícil não foi ter a sentença favorável. O mais difícil foi pegar a certidão de nascimento com o novo nome. Tive muita dificuldade, porque a proprietária do cartório, que tinha minha certidão, quase não acreditava que aquilo estava acontecendo. Eu tive de voltar várias vezes para pegar o documento. Eu tive de ameaçar para que ela fosse fazer o documento como deveria ser feito.

**Vandecy** – Quando foi o momento em que você olhou para o espelho e se sentiu fisicamente como uma mulher?

**Luma** – Nós temos de ver qual é o conceito de mulher que nós estamos pensando. O que é ser mulher hoje? Ser mulher é ter uma vagina? O que é ser mulher? O que é mais importante: o que você pensa ou a sua genitália? Quem tem maior respaldo para dizer ou aferir alguma coisa? É o seu órgão genital ou é a sua cabeça? Qual é o conceito que eu tenho de mulher? Ser mulher é o que eu sou. Ser mulher é ter *(pausa)*... Essa mentalidade, essa forma de ser também que vai agregar muito dos papéis – que é uma teoria ultrapassada –, mas acaba adentrando muitos dos papéis. É disso que eu gosto. Ser mulher para mim é um estágio mental. Eu sou uma mulher assim. E existem vários tipos de mulheres. Eu sou uma mulher-trans. Há a mulher que é lésbica, há diversas formas de ser mulher. Não existe um modelo único de ser mulher. É um perigo, porque nós entramos na generalização. “Ser mulher é assim, então todas as mulheres são iguais”. Isso não é verdade! Existem mulheres e diversas formas de ser mulher. Eu me considero uma mulher-trans mesmo, convivendo muito bem com o meu pênis.

**Jéssica Welma** – Então, você não tem vontade de fazer cirurgia de mudança de sexo?

**Luma** – Não.

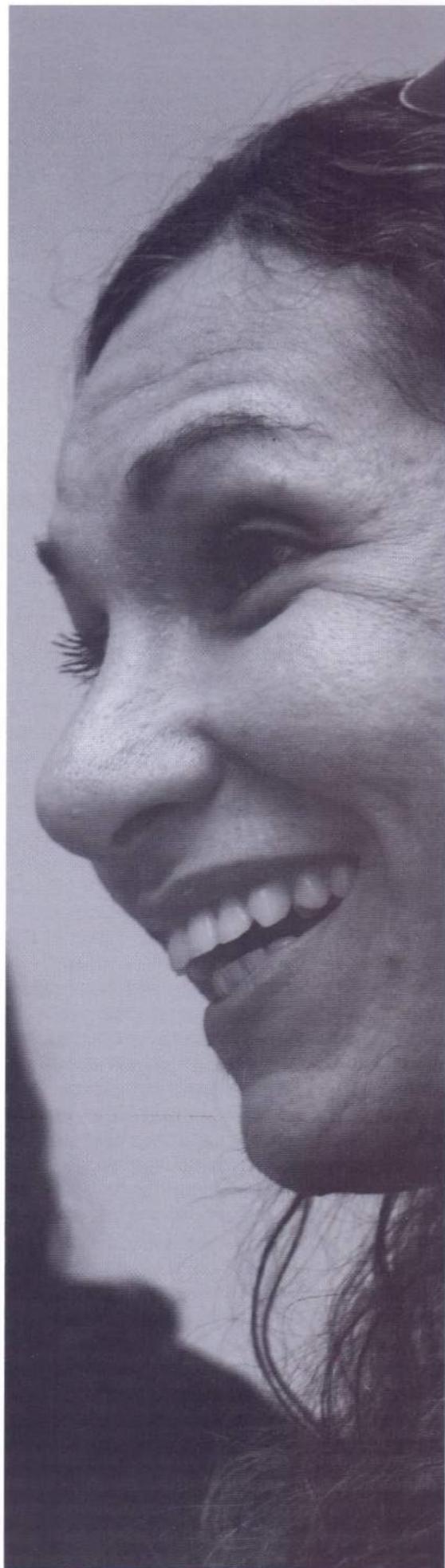
**Yohanna** – Você tem algum arrependimento?

**Luma** – Não. Não me arrependo de nada, porque tudo fazia parte da luta. Tudo o que eu fiz... Tinha de ser feito!

**Vandecy** – Das batalhas que você enfrentou durante a vida toda, como você gostaria de ser reconhecida pela sociedade? Como você gostaria de entrar para a História?

**Luma** – Eu nunca tive nenhuma pretensão de entrar para a História *(risos)*. Eu não estou preocupada. Eu estou preocupada que nós tenhamos uma sociedade que possa conviver com as diferenças e não possa cometer os mesmos crimes que fizeram comigo com as outras pessoas que estão por vir ou que já estão conosco. É essa a minha preocupação.

Agora, se isso traz uma consequência para o marco histórico, é algo que acontece, como aconteceu com várias outras personalidades que tiveram de estar à frente para pôr a sua luta em visibilidade. Por que hoje eu estou aqui com vocês? Eu estou cansada, estou vindo da casa do meu orientador... É para poder aparecer? Não! Eu não preciso mais disso. Mas vocês vão levar a minha voz e o meu pensamento para pessoas que não tiveram contato comigo, que não conseguiram ainda perceber um pouco dessa luta. Isso também é um marco histórico. O que vocês estão fazendo é um marco histórico, que vai ficar registrado e as futuras gerações vão poder perceber. E eles vão ter forças para dizer: "Se ela conseguiu, por que eu não posso conseguir? Eu posso ir além". Nós tivemos uma grande lutadora no Ceará, que foi a Jaina Dutra. Ela foi a primeira travesti a ser advogada no País. Então, existe uma trajetória. Hoje sou eu, amanhã vai ser quem? Tem de ter alguém! E quem é? Não pode é achar que tudo está garantido. Tudo pode deixar de ser, porque nós não somos, nós estamos. A coisa está, ela não é. Tudo pode mudar.



A lei 6.454, de 24 de outubro de 1977, proíbe que nomes de pessoas vivas sejam atribuídos em placas indicadores de obras ou em veículo de propriedade ou a serviço da Administração Pública direta ou indireta.

No dia em que completou 35 anos, Luma defendeu sua tese de doutorado para a banca examinadora da UFC. Com a tese aprovada, ela entra na história como a primeira travesti com doutorado no Brasil.